

LUIS SEPÚLVEDA

MUNDO DO FIM
DO MUNDO

Tradução de Pedro Tamen

Índice

Primeira Parte	9
Segunda Parte	39
Terceira Parte	73
Epílogo.....	121

Aos meus amigos chilenos e argentinos que
defendem a preservação da Patagónia e da Terra do
Fogo. À sua generosa hospitalidade.

Aos tripulantes do novo *Rainbow Warrior*,
navio-insígnia da Greenpeace.

À Rádio Ventisquero de Coyaique, a voz do mundo
do fim do mundo.

Primeira Parte

1

«Chamem-me Ismael..., chamem-me Ismael...», repeti eu várias vezes enquanto esperava no aeroporto de Hamburgo e sentia que uma força estranha conferia um peso cada vez maior ao delgado caderninho da passagem, peso que aumentava à medida que se aproximava a hora da partida.

Já tinha passado o primeiro controlo e andava a passear pela sala de embarque agarrado ao saco de mão. Não levava dentro dele muitas coisas: uma máquina fotográfica, um bloco de apontamentos e um livro de Bruce Chatwin chamado *Na Patagónia*. Apesar de detestar os que sublinham e escrevem anotações nos livros, aquele estava cheio de sublinhados e de pontos de exclamação, que foram aumentando com três leituras. E pensava lê-lo durante o voo até Santiago do Chile.

Sempre quis regressar ao Chile. Quis, mas, na hora de decidir, o medo pesou mais, e os desejos de me reencontrar com os meus irmãos e com os amigos que lá tenho transformaram-se numa promessa em que, de tão repetida, fui acreditando cada vez menos.

Vagueava sem rumo fixo há anos de mais, e os desejos de parar aconselhavam-me às vezes uma aldeiazinha de

pescadores em Creta, Ierápetras, ou uma aprazível cidade asturiana, Villaviciosa. Mas um dia houve em que me caiu nas mãos o livro de Chatwin, que me devolveu a um mundo que julguei esquecido e que estava à minha espera: o mundo do fim do mundo.

Depois de ler pela primeira vez o livro de Chatwin entrou em mim a fúria de regressar, mas a Patagónia está para além das simples intenções do viajante, e a distância apresenta-se-nos na sua real dimensão quando as recordações emergem como boias no mar agitado dos anos mais intensos.

Aeroporto de Hamburgo. Os outros passageiros entravam e saíam da loja *duty free*, ocupavam o bar, alguns mostravam-se nervosos, consultavam os relógios como que duvidando da pontualidade repetida em dúzias de aparelhos eletrónicos. Estava a chegar o momento em que abririam as portas de saída e em que, depois de inspecionado o cartão de embarque, seríamos conduzidos num autocarro até ao avião. E eu pensava que ia regressar ao mundo do fim do mundo depois de vinte e quatro anos de ausência.

2

Era então muito novo, quase um garoto, e sonhava com as aventuras que me haveriam de oferecer as bases de uma vida distante do tédio e do enfado.

Não estava sozinho nos meus sonhos. Tinha um Tio: assim mesmo, com maiúsculas. Era o meu Tio Pepe, que herdara mais o carácter indómito da minha avó basca que o pessimismo do meu avô andaluz. O meu Tio Pepe. Voluntário das Brigadas Internacionais durante a Guerra Civil Espanhola. Uma fotografia ao lado de Ernest Hemingway era o único património de que se orgulhava, e repetia-me constantemente a necessidade de cada um descobrir o seu caminho e pôr-se a andar.

Nem vale a pena dizer que o Tio Pepe era a ovelha negra da família e que, quanto mais eu crescia, mais clandestinos se tornavam os nossos encontros.

Foi dele que recebi os primeiros livros, os que me aproximaram de escritores que nunca mais esquecerei: Júlio Verne, Emilio Salgari, Jack London. Foi dele também que recebi uma história que me marcou a vida: *Moby Dick*, de Herman Melville.

Tinha catorze anos quando li esse livro, e dezasseis quando já não consegui resistir mais ao apelo do Sul.

No Chile as férias de verão vão de meados de dezembro a meados de março. Soube por outras leituras que nos confins continentais pré-antárticos fundeavam várias pequenas frotas de barcos baleeiros, e ansiava por conhecer esses homens que imaginava herdeiros do capitão Ahab.

Só graças à ajuda do meu Tio Pepe foi possível convencer os meus pais da necessidade dessa viagem, e foi ele, além disso, que me financiou a passagem até Puerto Montt.

Os primeiros mil e tal quilómetros do encontro com o mundo do fim do mundo, fi-los de comboio, até Puerto Montt. Ali, diante do mar, acabavam de repente as linhas do caminho de ferro. Depois, o país divide-se em milhares de ilhas, ilhotas, canais, braços de mar, até às proximidades do Polo Sul e, na parte continental, as cordilheiras, os montes de neve acumulada (*ventisqueros*), os bosques impenetráveis, os gelos eternos, as lagoas, os fiordes e os rios caprichosos impedem o traçado de caminhos ou de linhas férreas.

Em Puerto Montt, graças aos bons ofícios do meu Tio benfeitor, aceitaram-me como tripulante de um barco que ligava essa cidade com Punta Arenas, no extremo sul da Patagónia, e com Ushuaia, a mais austral do mundo na Terra do Fogo, trazendo e levando mercadorias e passageiros.

O capitão do *Estrella del Sur* chamava-se Miroslav Brandovic, e era um descendente de emigrantes jugoslavos que conheceu o meu Tio durante as suas incursões em Espanha e depois com os *maquis* franceses. Aceitou-me a bordo como ajudante de cozinha, e logo depois da largada recebi uma faca afiada e ordem para descascar um saco de batatas.

A viagem durava uma semana. Tínhamos que navegar umas mil milhas até chegar a Punta Arenas, e o barco parava

em várias enseadas ou portos de pouca profundidade na Ilha Grande de Chiloé, carregava sacos de batatas ou de cebolas, réstias de alhos, fardos de ponchos grosseiros de lã virgem, para continuar a sua navegação pelas sempre animadas águas do Corcovado, antes de enfiar pela entrada norte do Canal de Moraleda e avançar por trás do Grande Fiorde de Aysén, único caminho para a aprazível quietação de Puerto Chacabuco.

Nesse local protegido por cordilheiras atracava por umas horas, apenas as necessárias para aproveitar a fundura concedida pela maré cheia, e, terminadas as fainas de carregamento, quase sempre de carne, iniciava a navegação de regresso ao mar aberto.

Rumo oeste-noroeste até sair do Grande Fiorde e chegar ao Canal de Moraleda. Então, com rumo norte, afastava-se das gélidas águas de São Rafael, do *ventisquero* flutuante, das infortunadas embarcações apanhadas entre os seus tentáculos de gelo, muitas vezes com toda a tripulação.

Várias milhas mais a norte, o *Estrella del Sur* torcia rumo a oeste e, atravessando o Arquipélago das Guaitecas, chegava ao mar aberto para continuar de proa apontada ao sul quase em linha reta.

Acho que descasquei toneladas de batatas. Acordava às cinco da manhã para ajudar o padeiro. Servia as mesas da tripulação. Descascava batatas. Lavava pratos, panelas e penicos. Mais batatas. Tirava a gordura à carne dos bifes. Mais batatas. Picava cebolas para as empadas. Regresso às batatas. E as pausas que os marinheiros aproveitavam para roncar tranquilamente, destinava-as eu a aprender tudo o que podia da vida de bordo.

Ao sexto dia de navegação tinha as mãos cheias de calos e sentia-me orgulhoso. Nesse dia, depois de servir o

pequeno-almoço, fui chamado pelo capitão Brandovic à ponte de comando.

– Que idade dizes tu que tens, grumete?

– Dezasseis. Bem, não tardo a fazer dezassete, capitão.

– Está bem, grumete. Sabes o que é aquilo a brilhar a bom-bordo?

– Um farol, capitão.

– Não é um farol qualquer. É o Farol Pacheco. Estamos a navegar em frente do Grupo Evangelista e preparamo-nos para entrar no Estreito de Magalhães. Já tens qualquer coisa para contar aos teus netos, grumete. Um quarto a bombordo e a meia força! – ordenou o capitão Brandovic, esquecendo-se da minha presença.

Tinha dezasseis anos e sentia-me feliz. Desci à cozinha para continuar a descascar batatas, mas deparei com uma agradável surpresa: o cozinheiro alterara a ementa e portanto não precisava de mim.

Passei o dia inteiro na coberta. Apesar de estarmos em pleno verão, o vento do Pacífico penetrava até aos ossos, e, bem enroupado com um poncho de índio *chilote*, vi passar os grupos de ilhas na nossa navegação rumo este-sudeste.

Conhecia minuciosamente aqueles nomes que sugeriam aventuras: Ilha Condor, Ilha Parker, Maldição de Drake, Porto Misericórdia, Ilha Desolação, Ilha Providência, Penhasco do Enforcado...

Ao meio-dia, o comandante e os oficiais mandaram que lhes servissem o almoço na ponte de comando. Comeram de pé, sem deixar de olhar sequer por um momento para a carta marítima, para os instrumentos, e dialogando com a casa das máquinas numa linguagem cifrada que só eles compreendiam.

Estava a servir o café quando o capitão me fitou outra vez:

– Que diabo estavas tu a fazer, a gelar na coberta, grumete? Queres apanhar uma pneumonia?

– Estava a olhar para o estreito, capitão.

– Fica aqui que o vês melhor. Começa agora a parte lixada da viagem, grumete. Vamos seguir pelo estreito no melhor sentido da palavra. Olha. A bombordo temos a costa da Península de Córdoba. É bordada de recifes aguçados como dentes de tubarão. E a estibordo o panorama não é muito melhor. Temos ali a costa sudeste da Ilha Desolação. Recifes mortais e, como se isso não bastasse, daqui a poucas milhas topamos as correntes do Canal Abra, que traz toda a força do mar aberto. Esse maldito canal esteve quase a terminar com a sorte de Fernão de Magalhães. Podes ficar aqui, grumete, mas em boca fechada não entram moscas. Não a abras enquanto não vires o Farol de Ulloa.

O *Estrella del Sur* navegava à mínima força das suas máquinas, e eram umas sete da tarde quando vimos os feixes prateados do Farol de Ulloa a cintilar no horizonte a bombordo. Ali alarga-se o Estreito de Magalhães. A navegação tornou-se mais rápida e os homens menos tensos.

Às onze da noite, os jorros de luz do farol do Cabo Froward inundaram o barco com uma carícia de boas-vindas, o capitão Brandovic deu ordem para se aproar a norte e o cozinheiro chamou-me para servir a tripulação faminta.

Depois de esfregar pratos e panelas, subi à coberta. O céu diáfano via-se tão baixo que apetecia estender um braço para tocar nas estrelas. E as luzes da cidade adivinhavam-se também muito próximas.

Punta Arenas ergue-se na costa oeste da Península de Brunswick. Nesse local, o Estreito de Magalhães tem umas vinte milhas de largura. Do outro lado começa a Terra do Fogo e, um

pouco mais a sul, as águas da Baía Inútil formam no estreito uma laguna com umas setenta milhas de largura.

A viagem de ida terminou no dia seguinte. Servi o último pequeno-almoço, e o capitão Brandovic despediu-se de mim recordando-me a data do regresso, daí a seis semanas. Ofereceu-me a sua mão forte de marinheiro e um sobrescrito com que eu não contava. Tinha lá dentro várias notas. Era uma fortuna para um rapaz de dezasseis anos.

– Muito obrigado, capitão.

– Não tens nada que agradecer, grumete. O cozinheiro garante que nunca teve melhor ajudante a bordo.

Estava em Punta Arenas, tinha as mãos calejadas e, no bolso, o primeiro dinheiro ganho a trabalhar. Depois de vagar umas horas pela cidade procurei a casa dos Brito, também conhecidos do meu Tio Pepe, que me receberam de braços abertos.

Os Brito eram um casal sem filhos e conheciam a zona como a palma das mãos. A mulher, Elena, dava aulas de inglês num liceu, e o marido, *don* Félix, combinava as suas atividades de locutor da rádio com investigações de biologia marítima. Ao saber do meu interesse pelos baleeiros, *don* Félix sentiu que isso lhe dizia respeito, e convidou-me imediatamente a ver fotografias e alguns quadros pintados pelo avô, um marinheiro bretão que chegou muito novo à Terra do Fogo e nunca mais a quis deixar.

A casa dos Brito, como a maioria das construções austrais, era de madeira. A sala espaçosa estava apetrechada com uma chaminé de pedra que acendíamos à tarde, e o ambiente acolhedor convidava ao silêncio, à escuta do murmúrio do mar ali perto. Assim passei os primeiros quatro dias em frente da Terra do Fogo. De manhã, pegávamos no *Land Rover* e seguíamos pela estrada que liga Punta Arenas a Fuerte Bulnes

pelo sul, e ao entardecer sentávamo-nos diante da chaminé. Então, *don Félix* falava-me das baleias e dos baleeiros.

Contava histórias interessantes e sabia contar muito bem. Mas eu não queria ouvir; queria viver.

Chegou o momento em que *don Félix* percebeu que a minha cabeça estava muito longe daquele agradável lugar. Então, fechando o álbum de fotografias, disse-me:

– Parece que estás mesmo mordido pelo bicho de embarcar num baleeiro. Contra isso não se pode fazer nada. Pronto. A primeira coisa que tens a fazer é passar para o outro lado do estreito, para Porvenir. Nesta época, os poucos barcos baleeiros que restam estão no mar, mas sei que em Puerto Nuevo está fundeado um amigo meu com o seu barco em reparações. É um homem difícil, mas se te aceitar, rapaz, terás então a tua sonhada aventura.